

**Atualidade histórica e precisão crítica – uma
breve leitura de *Martinha versus Lucrecia*,
de Roberto Schwarz**

**Historical actuality and critical precision – a
brief reading of *Martinha versus Lucrecia*,
from Roberto Schwarz**

ALEXANDRE PILATI *

M

artinha versus Lucrecia, mais novo livro do crítico literário Roberto Schwarz, abasteceu os cadernos culturais de nossos periódicos com um saudável bafejo de polêmica, embora esta não tenha nem duração e nem aprofundamento garantidos. As contendas se estabeleceram basicamente por dois motivos: 1) pela análise cerrada, detalhista e venenosa do ambíguo livro *Verdade Tropical* de Caetano Veloso e 2) pela, segundo alguns, injustificada insistência do crítico em interpretar a experiência histórica brasileira a partir de nossas experiências culturais, especialmente aquelas advindas do campo da literatura, atualmente muito combatida como atividade estética de escavação, interpretação e conhecimento da dinâmica do mundo real. Se desde o título (irônico e combativo, bem ao gosto brechtiano que caracteriza o seu autor) o livro de Schwarz carrega, em chave dialética, a marca do acirramento do debate, não haveríamos de esperar outra coisa: a palavra crítica ainda tem o condão de abalar certezas e provocar reflexão. Talvez esteja aí, na sadia desacomodação do rame-rame resenhístico brasileiro, um pouco do mérito desse brilhante conjunto de textos.

* Universidade de Brasília (UNB).

Martinha versus *Lucrecia* carrega o desafio de manter em dia e em boa forma o olhar dialético e prene de negatividade e atualidade de Schwarz. O livro vem a lume oportunamente, seja cumprindo a missão de pensar a quantas anda o Brasil após os anos de neoliberalismo, seja consolidando definitivamente o autor como um clássico dos estudos literários brasileiros. Diga-se, aliás, que nada poderia ser mais contrário à sua disposição antiacademicista do que tornar-se jargão universitário. Esse é um outro motivos fortes para saudarmos a obra; motivo este que, é claro, o polemismo atacanhado de muito de seus detratores não captou nem de longe. *Martinha* versus *Lucrecia* dá ao leitor o velho crítico adorniano, embora renovado, em uma prosa amadurecida nos melhores exercícios da reflexão dialética. A sintaxe está elegante, irônica e alimentada impiedosamente pelas contradições, como se fosse uma chave mutante, que se adequa aos problemas impostos pelos novos tempos. A escolha dos textos contempla gêneros diversos, que vão da pura crítica literária a entrevistas e “textos de intervenção” (prefácios, saudações, arguições). O painel, assim, é vario, e sua força está na unidade de disposição, que resumiríamos bem recorrendo a um meio de parágrafo do autor que trata da tomada de partido histórica na análise das formas, a qual “seria um princípio ordenador individual, que tanto regula um universo imaginário como um aspecto da realidade exterior” (Schwarz, 2012, p. 48). Como estamos acostumados, em Schwarz o melhor do marxismo está mobilizado em função da interpretação dos intercâmbios produtivos entre forma estética e processo social.

No que se refere à crítica literária, o volume nos reconcilia com velhas “ideias fixas do crítico”, por meio da leitura de Machado de Assis em tratamento adensado noutro plano, armado para o debate literário cosmopolita, como se vê nos ensaios “Leituras em competição” e “A viravolta machadiana”. Neles é basilar a disposição para debater em termos internacionais a validade local da obra machadiana, tentando fazer ver, em que medida radicalmente política, “os rearranjos em matéria e forma operados por Machado faziam que um universo ficcional modesto e de segunda mão subisse à complexidade da arte contemporânea mais avançada” (Schwarz, 2012, p. 248). Assim, Schwarz revisa Machado para o leitor de fora do Brasil, escarafunchando um pouco motivos falsos e frágeis de sua bela e recente aceitação no exterior. E revisando-o para o leitor estrangeiro, o crítico acaba por revisá-lo também para o leitor brasileiro, às vezes estranho ao Brasil, de tão emaranhado na mais nova moda crítica exógena.

É, todavia, o conjunto de textos que se segue à entrevista “Sobre Adorno” que esconde o detonador da polêmica que cercou recepção ao livro. São três textos sobre literatura brasileira contemporânea, entre os quais o agudo ensaio inédito sobre *Verdade tropical*. O texto sobre o narrador volúvel, espetacular e autoindulgente de Caetano Veloso, destaca-se pelo grau de acuidade crítica e capacidade de mobilizar os mais diversos recursos teóricos. Embora se sustente sozinho, bem pensado o seu lugar na economia do livro, “*Verdade tropical* – um percurso de nosso tempo” funciona bem melhor quando se leem os dois ensaios que lhe fazem fila. Não seria, por certo, despropósito pensar que os ensaios sobre *Elefante*, de Chico Alvim (“Um minimalismo enorme”), e sobre *Leite derramado*, de Chico Buarque (“Cetim laranja sobre fundo escuro”), estão colocados em sequencia como complementos críticos da análise sobre *Verdade tropical*. Não, se pensarmos que nesses dois Chicos, paradigmas de um realismo vigente e furioso na literatura brasileira contemporânea, encontra-se uma correção em acorde negativo da mimese do contemporâneo diagnosticada por Schwarz na forma narrativa de Caetano. Assim, provemos a hipótese: se, no narrador de *Verdade tropical*, a posição de privilégio de classe atua em favor de uma postura narrativa que mescla diretrizes contrárias, em prejuízo da pesquisa estética das contradições da experiência (ou da verdade?) tropical, em *Leite derramado* e *Elefante*, segundo o crítico, esta mesma posição se remonta, para ouvir e rearranjar, com tónus derrisório e desencantado, as contradições brasileiras. O que, no caso de *Verdade tropical*, é proveito e celebração, nos outros dois é algo da intensidade de um desrecale de forças abomináveis da experiência brasileira; em chave crítica e lúcida, fique claro. Tudo engendra-se a partir de uma perspectiva literária capaz de fender o sorriso ignóbil da farsa proprietária, tornando-o irremediavelmente escandaloso no país miserável do século XXI. Diria Chico Alvim: “Quer ver/escuta”.

Com isso, ligam-se “as duas pontas do novelo”: Machado e as letras do Brasil contemporâneo. A análise de Schwarz acerca do fenômeno machadiano baseia-se fortemente na capacidade que tem a viravolta formal dos romances de segunda fase para dramatizar as contradições da perspectiva proprietária da história brasileira; bem como todas as suas implicações, que tanto conhecemos intimamente. Não é difícil aproximar as leituras de *Verdade tropical*, *Elefante* e *Leite derramado*, pois elas são faces do esforço crítico de analisar a comédia de classes no Brasil, a partir da equação literária disparada pela voz narrativa/poé-

tica. Em Caetano, há o bom e velho narrador conciliador, desejoso de ativar as potências e riquezas que jazem no Brasil atrasado, desde que isso não implique em verdadeira democratização e socialização da cultura, pois seu ponto de vista dúbio caminha sempre a depender do sucesso de instauração de mecanismos intensificadores da indústria do espetáculo em terra periférica. De defensor da liberdade individual destinado a contar uma verdade (tropical?) a porta-voz refinado do neoliberalismo e da regressão artística, apresentada sempre em verniz cínico de avanço e emancipação da arte tornada mero artigo pop: eis uma possível interpretação do caminho do narrador de *Verdade tropical*. O trocadilho é infame, mas irresistível – a *verdade-tropical* é no fundo a *verdade-do-capital*. Embora seja cáustico, não deixa de ser revelador da experiência brasileira pós-golpe de 64. Assim se dá também no caso de Alvim e Buarque. Entretanto, as formas literárias aqui estão fazendo pouco do refinamento intelectual da nossa elite e reagindo à miséria periférica (aparitada com pseudomodernização), tornando problemáticas as próprias possibilidades de representação da história universal sob os mecanismos miméticos que essa mesma história legitimou e consolidou ao longo da formação brasileira. Sem verdade disponível, pois que ela está apropriada pelos impropérios da classe dominante, Buarque e Alvim buscam um mínimo, que, no caso, é enorme: como representar o irremediável da modernização à brasileira?

Monta-se assim o poliedro do duro problema da leitura do país a partir da literatura e vice-versa, com o selo da crítica dialética, comprometida com a materialidade das formas da arte e da história. No ritmo binário da arenga criada por sua publicação, ou seja, “verdade dos proprietários literatizada em estado alfa” X “análise da cultura brasileira interessada no conflito de classes”, *Martinha* versus *Lucrecia* deve ser acolhido como ponto a favor desta; e com júbilo, por reativar, em diversos campos, algumas pulsões latentes no tropicalíssimo “legado de nossa miséria”.

Referências bibliográficas

SCHWARZ, Roberto. *Martinha versus Lucrecia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.